REFLEXÕES TEÓRICAS NOS TEXTOS DE NIETZSCHE, ROUSSEAU E KANT

Cálita Fernanda de Paula Martins (UNEMAT) – calitajornalista@gmail.com
Alice de Jesus (UNEMAT) – prof.nina1954@gmail.com

GT 11: Filosofia da Educação

Resumo:
Este estudo foi desenvolvido no decorrer da disciplina de "Teorias da Educação" no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEdu-UNEMAT) e tem por objetivo discutir os fundamentos filosóficos no âmbito da educação, por meio de reflexões teóricas nos textos de Nietzsche, Rousseau e Kant. E com base nesses autores buscamos compreender e estabelecer relações com os ideais e princípios fenomenológicos de Goethe o que nos leva ao principal teórico estudado no decorrer da pesquisa desenvolvida no mestrado: Steiner. E como resultado deste processo de reflexão teórica deparamos que Steiner fundamenta os princípios da Antroposofia e da Pedagogia Waldorf na fenomenologia de Goethe. E Goethe, por sua vez, foi leitor e pesquisador das obras de Rousseau, teve contato com Nietzsche, admirando e reconhecendo seus méritos e assume os elementos gnosiológicos que Kant havia desprezado em sua epistemologia e procura desenvolvê-los. Goethe é o homem empírico e Kant é o homem da abstração.

Palavras-chave: Teoria. Nietzsche. Rousseau. Kant.

1 Introdução

Iniciar um texto de reflexões teóricas exige do pesquisador um estudo sobre o que é teoria. Para isso partimos da obra de Otaviano Pereira. O autor inicia o texto discutindo o significado da palavra a partir de dicionários e enciclopédias, o que geralmente está associado ao sentido de contemplação abstrata. No entanto, o termo "teoria" vai além da pura abstração. Para o autor é preciso, ao abandonar o simplismo dos conceitos, compreender que a teoria se refere à percepção do homem em seu meio, de forma completa, não somente como um ser racional, mas também como alguém que sente e age.

Teorizar, nesse contexto, não é somente elaborar ideias e uma contemplação abstrata, mas também, uma atividade antropológica. Para Otaviano Pereira a questão central da teoria é a ação do homem como um todo, inserido no mundo e na relação com as pessoas ao seu redor.

Desse modo, o autor nos faz entender que a elaboração da teoria não é só uma questão lógica, mas também antropológica e que o homem está sempre em busca do

sentido da vida, por causa disso que teorizamos. E teorizar passa pela crítica do conhecimento, que se funda na lógica.

De acordo com o autor, para entender o que é teoria, é preciso compreender várias questões afins como: experiência, natureza, objeto, visão total da realidade e presença do homem. Questões essas, que nem a ciência clássica e nem a ciência moderna são totalmente capazes de abordar, pois a primeira exagerou o lado da teoria e da realidade como abstração, esquecendo a síntese, que liga pensamento e a realidade, e a segunda se prendeu demais à experimentação do objeto concreto.

Nesse sentido, o autor contextualiza sobre o pensamento clássico para o qual teorizar significa quase que somente abstrair. De modo que a ciência clássica afirma que para compreender a teoria é preciso considerar a lógica e a metafísica. No que diz respeito ao pensamento moderno, o autor aponta que o método pode ser compreendido em quatro etapas: observação, hipótese, experimentação e lei. Nesse sentido a ciência moderna faz uma distinção entre indução (visão do particular para o geral) e dedução (do geral para o particular), análise (decomposição de um todo em suas partes) e síntese (reconstituição do todo decomposto).

Assim, Otaviano Pereira discorre sobre a teoria nas ciências empírico-formais (física, química, biologia), ciências formais (matemática) e nas ciências humanas e enfatiza que para falar em teoria é necessário focalizar o significado cultural básico da ação, e esta relação implica dependência da teoria com referência à prática e dependência de fundamentação.

Desse modo, prática e teoria não podem ser separadas, pois se incorreria no vício idealista (priorizando a teoria e dissociando-a da prática) ou no do praticismo (acentuando ou separando a prática em detrimento da teoria), o que levaria a um vício ainda maior: o do senso comum, que tende a menosprezar a teoria e a simplificar a realidade, ou seja, assim como os aspectos ideológicos, interfere no ato teórico. Todavia, o livro não se trata da lógica e sim da teoria, tentando estabelecer uma relação entre ambas.

2 Schopenhauer Educador – Nietzsche

Na obra Schopenhauer Educador, Nietzsche tece severas críticas ao sistema educacional da Alemanha do século XIX. Influenciado pelo seu rigoroso estudo de filologia sobre a Grécia clássica, Nietzsche tomava-a como modelo de cultura propícia

para a formação de grandes homens. Na leitura nietzschiana, eram os poetas trágicos os grandes homens produzidos pela cultura grega. É nesse referencial de cultura que Nietzsche espelhou-se para afirmar o estado de decadência das universidades alemãs:

> Enquanto isto, o tal filósofo me fazia falta e eu tentei em vão com um e outro; descobri assim, o quanto era miserável a nossa condição frente aos gregos e aos romanos, mesmo somente do ponto de vista de uma concepção séria e rigorosa das lições da educação. Com esta necessidade no coração pode-se correr por toda Alemanha indo até mesmo em todas as universidades e não se encontrará aquilo que se procura; pelo contrário, desejos muito mais simples e menos elevados ficam incompletos (NIETZSCHE, 1999, p.4).

No texto Schopenhauer Educador, Nietzsche traz à tona, como tópico de reflexão, a discussão da ideia de um modelo de educador. Schopenhauer seria um modelo de filósofo através do qual os homens poderiam se elevar acima da cultura da época. Desse modo, essa filosofia seria uma espécie de caminho que conduziria o homem a um patamar superior de cultura. Nas palavras de Nietzsche (1999. p. 5) "era, então, um embalar-se nos meus desejos, quando imaginava poder encontrar como educador um verdadeiro filósofo, que fosse capaz de erguer uma pessoa além da insatisfação congênita da época".

Sob o prisma schopenhauriano, o pensador ressalta que o homem de boa índole vence os valores ultrapassados e assume a coragem do homem de espírito livre das amarras ideológicas. Nietzsche compara o homem de Schopenhauer com o homem de Rousseau e Goethe. O homem de Rousseau é rebelde, subversivo, revolucionário, enquanto o homem de Goethe é desapegado e contemplativo, ao passo que o homem de Schopenhauer é a antítese dos dois precedentes, pois, é inteligente, lúcido, ativo, voluntarioso e idealista, superando barreiras, ilusões e convenções, sem se deixar abater, apesar dos altos e baixos que refletem o próprio pessimismo de seu idealizador.

Segundo Nietzsche, para que a Educação se efetive, o educando deve se espelhar num modelo de educador de sua preferência, desperto pelo prazer do conhecimento e pela presença do espírito investigador e científico. Ele próprio confiou sua visão intelectual a Arthur Schopenhauer, sem desprezar os demais.

Schopenhauer, assim como seu admirador Nietzsche, aderiu à solidão, viajou por diversas cidades europeias, frequentou círculos de intelectuais e conquistou notoriedade acadêmica muito tarde. Suas obras foram alvo de severas críticas, uma mais tenebrosa do que a outra, e, mesmo assim, insistiu nos fundamentos de sua filosofia. Por muitos

anos, ele se perguntou sobre a propensão dos homens em aceitarem uma nova cultura pautada no pensamento pessoal, o qual, de grande relevância, refletiria nas suas ações.

Conforme dito, o ensino da Alemanha naquela época encontrava-se em uma situação crítica; seus pedagogos, filósofos e poetas apenas reproduziam teorias consideradas imutáveis ao pensamento educativo. Ir de encontro a tal paradigma requeria audácia e um requinte de ironia, além de se deparar com salas de aula praticamente vazias. Como ninguém, Arthur Schopenhauer possuiu estas qualidades, próprias de um verdadeiro filósofo educador.

3 O Emílio – Rousseau

Na obra o Emílio, o filósofo Jean Jacques Rousseau apresenta sua visão sobre a infância, o seu pensamento pedagógico, o seu conceito de educação negativa e suas contribuições para a educação na atualidade. Rousseau considera que não havendo uma Educação conforme a natureza, denominada por ele como educação negativa, a consequência será a formação de um homem desfigurado, com vícios e preconceitos.

Por essa razão descreve Emílio, um personagem fictício. A obra divide-se em cinco partes. Cada uma trata de maneira particular à aprendizagem da criança e uma fase específica do seu desenvolvimento. A primeira parte (do nascimento até os dois anos), Rousseau denomina de idade da necessidade. Nessa fase, o autor se preocupa, entre outras questões, com a amamentação. Ele afirma que a educação ideal da criança deve ser recebida pela mãe e pelo pai, estando os dois em pleno acordo, representando para a criança uma só pessoa. Todavia, é preciso criar condições favoráveis para o desabrochar espontâneo do infante.

A segunda parte (dos dois aos doze anos) é denominada a idade da natureza. Nessa fase, Rousseau enfatiza que é o momento de exercitar o corpo e os sentidos da criança, evitando-se os sermões que ela ainda não compreende, e mantê-la na dependência das coisas. Para ele a criança ainda não está apta a raciocinar, é preciso deixá-la gozar sua infância.

A terceira parte (dos doze aos quinze anos) é denominado a idade da força. Nessa fase, o Emílio poderá entrar em contato com a educação intelectual e técnica, quando ele aprenderá Física, Geografia, Cosmologia, etc. É o começo de um preparo para a vida social, por meio da aprendizagem de um trabalho manual, ligado às artes

mecânicas. Assim o aprendiz será despertado para a ideia da interdependência dos homens, da utilidade, da igualdade, da necessidade de trabalhar.

A quarta parte (dos quinze aos vinte anos) é a idade da razão e das paixões. Para Rousseau, essa fase representa um segundo nascimento, pois o Emílio entraria para o mundo moral e religioso, num aprendizado conjunto entre o corpo e espírito, entre razão e sentimento. Nesse momento, começa o estudo da sociedade, da religião, da igualdade, da justiça através de histórias e de fábulas.

Finalmente, a quinta parte (dos vinte aos vinte e cinco anos), é a idade da sabedoria. Trata da educação política de Emílio e sua inserção na ordem civil e também discorre sobre a educação feminina. A formação do aprendiz nessa etapa se dará por meio de viagens a outros países, e será exigido um estudo mais aprofundado dessas culturas e lições de direito político.

O que confere valor pedagógico ao Emílio é, sem dúvida, a constatação de que a obra foi lida ao longo dos séculos como um tratado pedagógico sobre a infância e sua educação, quando, na verdade, foi escrita com uma finalidade autenticamente filosófica. Todavia, a obra é utilizada constantemente no ensino de história da educação. O fato é que as ideias do livro e se fazem sempre presentes nos cursos de formação de professores. Seja na disciplina de filosofia ou de história da educação, o professor em formação se depara com a ideia de que o Emílio é importante e fundamental para o bom entendimento dos ideais da educação.

3 Sobre a Pedagogia – Kant

A educação é para Immanuel Kant tanto prática pedagógica como objeto de reflexão filosófica, principalmente quanto entendida enquanto auxiliadora na formação moral do indivíduo. Nesse sentido, ao partir do pressuposto kantiano de que o homem não nasce moral, mas torna-se moral, tem-se a hipótese de que a educação para Kant seria responsável por ajudar a formação moral do indivíduo, formação esta fundamentada na possibilidade de aquisição da autonomia por parte do sujeito.

Para o autor, a pedagogia sempre mostrou como algo que vai além de um viés prático e metodológico, revelando-se então como algo a ser pensado sobre o prisma da filosofia. A pedagogia torna-se objeto filosófico principalmente quando se percebe que o sujeito não nasce moral, mas sim se torna moral pela educação. Sendo assim, Kant

afirma que a educação teria como principal objetivo despertar a o caráter crítico e autônomo do aluno, sendo o mais importante que o aluno aprenda a pensar.

A obra Sobre a Pedagogia de Kant analisa a relevância da educação como meio de ligação entre a natureza e a moral e destaca o papel da pedagogia para a obtenção da autonomia do indivíduo. É fruto de conferências ministradas pelo filósofo na Universidade de Königsberg entre os anos de 1776 e 1787, e revela os aspectos centrais do pensamento de Kant, indicando a influência que o filósofo teve em teorias educacionais consagradas.

A obra foi organizada em três momentos: a primeira parte é a introdução, em que é feita uma análise importante da disciplina desde a infância, visando sua progressão para a maturidade, vista como necessária para a formação humana. Na segunda parte, intitulada "Educação física", Kant explica sobre os cuidados com o corpo e a saúde. Já a terceira parte, a "Educação prática", traz importantes contribuições voltadas para a moral e para a formação cultural, consideradas essenciais para uma boa convivência na sociedade.

No primeiro momento da obra, torna-se relevante pontuar a importância da natureza humana, em que o homem é apresentado como a única criatura que necessita ser educada. Ele explica que, desde o seu nascimento, os animais não precisam de nenhum cuidado especial, bastando apenas ser alimentados, aquecidos, guiados e protegidos de algum modo.

Deixa claro ainda, que se os animais, ao nascerem, gritassem ou chorassem como os bebês, iriam atrair outros animais que certamente os matariam. Kant afirma que os animais, por sua natureza, nascem com o instinto que os conduzem, sem a necessidade de cuidados especiais. Já o homem nasce destituído desse instinto, mas possui, no seu consciente, a razão.

Desde o seu nascimento, o homem necessita da ajuda de sua mãe para as necessidades primárias, assim como, para sua condução e orientação. Seu desenvolvimento acontece gradativamente, buscando em sua própria consciência qualidades naturais que permitem buscar o entendimento sobre as coisas para torná-lo capaz de viver no mundo civilizado. Essa disciplina é uma maneira de orientar o homem de forma natural a conceber o mundo em que vive, agindo de forma racional diferenciando assim, dos animais irracionais.

A educação inicial da criança deve ser introduzida pelos pais. Para o desenvolvimento da criança, eram necessários materiais diversos, que seriam

convertidos em sua utilidade, tornando assim, a experiência mais concreta e a possibilidade do brincar e do aprender pelos prazeres, assim como o prazer em aprender o conhecimento novo.

Convém salientar que a pedagogia vem demonstrando ideias que apontam significações de ordem prática e metodológica, revelando-se, então, como temáticas de grandes discussões em vários momentos históricos. A pedagogia torna-se palco de questionamentos, principalmente quando se percebe que o homem não nasce com a moral, mas se torna moral pelo caminho da educação. Desta forma, Kant (2006, p. 27), vê na educação o caminho para o despertar crítico e autônomo do aluno, em que o importante é que este desenvolva habilidades: "não é suficiente treinar as crianças; urge que aprendam a pensar" assim expressa o pensador.

Na segunda parte da obra de Kant, ele trabalha a denominada educação física, em que a parte positiva é a cultura. Para ele, o homem é capaz de se diferenciar dos outros animais pelo desenvolvimento do senso crítico, no exercício de suas tendências sociais e culturais. Ele recomenda que os pais dispensem todo e qualquer tipo de instrumento que os auxiliem, como muletas para aprender a andar, pois esta prática impede que a criança desenvolva por si só a autonomia e a liberdade de aprender. Os métodos utilizados para ensinar as crianças a andar são excessivos, pois se utilizam de andadores e carrinhos, o que se torna negativo para o desenvolvimento autônomo das crianças.

Na terceira parte da obra, observa-se que a educação é vista de forma prática, momento em que Kant finaliza propondo uma educação, para que o homem desenvolva a capacidade de pensar e agir conscientemente e por si mesmo. Daí obtêm-se a resposta do para que educar: educar para a liberdade, mediante o pensamento kantiano, através de elementos de conduta ética pertencentes à educação prática: habilidade, prudência e moralidade.

Segundo Kant, a moral não pode ser extraída da experiência, pois seu objeto é o ideal e não o real, o que deve ser e não o que é. Se procedesse da experiência, o dever não mereceria o respeito. O que o caracteriza e o dignifica é ser ele uma ideia da razão. O dever é uma exigência da razão pura; é uma ordem a priori da razão; é um ideal que a nossa razão nos propõe. Portanto, o homem é possuidor de uma vontade como ser racional que é; a vontade outra coisa não é senão a razão prática; é a faculdade de agir segundo certas regras; essas regras se são subjetivas, são válidas para a vontade do

sujeito; se são objetivas, constituem leis, que são válidas para a vontade de todo ser racional.

Partindo ainda da subjetividade da razão, excita-se a inveja de uma criança, quando levada a estimar pelo valor dos outros. Muitas vezes, as crianças são direcionadas apenas pelas opiniões dos adultos. Considera-se, portanto, um erro enorme, pois deve ser ao contrário. As crianças devem estimar pelos conceitos da própria razão. Dessa forma, desenvolvem a humildade que causa um confronto do valor próprio com a perfeição moral.

Kant pergunta se o homem é moralmente bom ou mal por natureza. Segundo ele, o homem não pode ser considerado nem bom e nem mau por natureza. Ele nasce sem a moral, mas a atinge quando eleva sua razão em conformidade com os conceitos das suas obrigações e da lei. No entanto, o homem nasce com tendências próprias para os vícios da sociedade, cabendo a ele, optar pelas inclinações do bem ou do mal, uma vez, que são muito fortes os impulsos a levarem para os vícios da sociedade. Todavia, o pensamento kantiano reforça que a educação é uma necessidade e o caminho capaz de modificar o homem, buscando a sua autonomia, pautada na liberdade e almejando a felicidade e a plenitude.

4 Considerações

Ao ver que a disciplina "Teorias da Educação" discutia os fundamentos filosóficos no âmbito da educação buscamos compreender e estabelecer relações com os ideais e princípios fenomenológicos de Goethe, o que nos leva ao principal teórico estudado no decorrer da pesquisa desenvolvida no mestrado: Steiner.

E a partir de diversas leituras e pesquisa foi possível estabelecer uma relação entre Goethe e Steiner com os teóricos estudados no âmbito da disciplina. A princípio vale a pena ressaltar que a origem do pensamento de Steiner está na mesma raiz da fenomenologia de Husserl, ambos foram alunos de Franz Brentano. E Steiner fundamenta os princípios da Antroposofia e da Pedagogia Waldorf na fenomenologia de Goethe.

Nesse caso, tentar estabelecer uma relação entre os textos lidos com a pesquisa foi uma tarefa desafiadora. Todavia estudar as representações midiáticas no imaginário e no brincar das crianças que estudam na escola Waldorf, exige uma compreensão ampla dos ideais e dos princípios filosóficos de Rudolf Steiner. A partir deste se estabelece

uma relação com Goethe por meio da fenomenologia, logo é possível relacionar Goethe com os autores estudados em sala de aula.

Goethe foi leitor e pesquisador das obras de Rousseau, teve contato com Nietzsche, admirando e reconhecendo seus méritos, ele assume os elementos gnosiológicos que Kant havia desprezado em sua epistemologia e procura desenvolvê-los. Todavia, Goethe apreciava o trabalho de Kant e propunha um acréscimo, quanto ao que o fenômeno tinha de dinâmico.

Goethe é o homem empírico. Kant é o homem da abstração, ele conhece matemática, mas é ignorante sobre a experiência. Para entender melhor a relação de Goethe com Kant, Eckermann (1827) pergunta ao poeta qual seria o filósofo mais excelente dos tempos atuais, ao que Goethe responde "Kant é sem dúvida o mais excelente [...] Sua obra influenciou a cultura alemã sem que ela a tivesse lido. Agora não precisamos mais dele, uma vez que já possuímos o que ele podia oferecer".

Assim, o método de Goethe se faz necessário pela incapacidade da epistemologia kantiana em tratar das ciências biológicas. Desse modo, o naturalismo de Goethe parte de uma compreensão profunda do fenômeno através de uma intuição sensorial trabalhada, estando, em oposição à perspectiva kantiana quanto à função da intuição sensível.

O naturalismo de Goethe parte de uma compreensão profunda do fenômeno através de uma intuição sensorial trabalhada, estando, em oposição à perspectiva kantiana quanto à função da intuição sensível.

Com o resgate da obra científica de Goethe nos últimos anos, têm-se falado muito em uma espécie de fenomenologia goetheana, em vista de se poder estabelecer diversos paralelos entre o seu naturalismo e a fenomenologia. De fato, Goethe é a personagem mais preocupada com o fenômeno.

A ciência cartesiana e kantiana, ao contrário, vai ao fenômeno com a intenção de devassá-lo, separá-lo e enquadrá-lo em esquemas que já se definiram "a priori". Nesta conscientização metódica do ato de percepção consiste a "delicada empiria". De certa maneira Goethe está bem inserido no contexto da filosofia transcendental de Kant.

A partir da compreensão fenomenológica de Goethe é possível estabelecer relações com a metodologia utilizada na pesquisa sobre as representações midiáticas no brincar e no imaginário das crianças Waldorf. Uma vez que, os princípios desse método parte da necessidade de compreender a presença do imaginário midiático nos gestos e expressões das crianças durante suas brincadeiras.

Pois ao utilizar a fenomenologia enquanto método de pesquisa, pois buscamos compreender e interpretar os sentidos da brincadeira, e identificar através da fala e de outras manifestações das crianças, a forma como atribuem significados à suas brincadeiras, na relação e na atribuição de sentido das crianças ao espaço em que brincam e a determinados programas e desenhos infantis, mencionados por elas.

No entanto, deve-se de início, situar o fenômeno, isto é, deve haver um sujeito que descreva sua vivência em uma determinada situação. É no discurso deste sujeito sobre sua experiência vivencial que se busca uma aproximação com a essência do fenômeno.

Na experiência do sujeito, o fenômeno se mostra como essência vinculada à existência. Desse modo, compreende-se que na pesquisa fenomenológica, os problemas de pesquisa são apresentados de uma forma ampla. Sua delimitação corresponde a um processo que vai se dando ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

4 Referências

ECKERMANN, Johann Peter. **Gespräche mit Goethe in den letzten Jahren seines Lebens**. Disponível em <http://gutenberg.spiegel.de/buch/gesprache-mit-goethe-in-den-letzten-jahren-seines-lebens-1912/1>. Acesso em 21 de set. de 2021.

KANT. Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2º ed. Piracicaba: Unimep, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Schopenhauer educador**. Tradução Adriana M. Saura Vaz. Campinas: Faculdade de Educação/UNICAMP, 1999.

PEREIRA, Otaviano. **O que é teoria**. 10º ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio: ou, da educação**. Tradução de Sérgio Milliet. 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.